

A imagem da capa

The cover image

Vera Alice Rebelo Vianna¹ 

É uma grande honra ser convidada novamente para ilustrar a capa da Revista Diálogo. Desde que comecei a participar como editora de layout e diagramadora da revista em 2018, tenho imensa admiração por esta publicação e pela equipe que conduz este trabalho com muita seriedade.

Com o crescimento exponencial de artigos submetidos a cada número da revista, a partir desta edição, haverá uma nova equipe para dar assistência à normatização e à diagramação dos artigos, então aproveito para agradecer imensamente a confiança no meu trabalho nas recentes dez edições e desejar a toda a equipe editorial, em especial à editora responsável Veranise Dubeux, muito sucesso. Que toda a dedicação a este trabalho se traduza no grande prestígio que a revista merece.

Minha inspiração para fazer a capa se deu no dia 9 de agosto, quando se comemora o Dia Internacional dos Povos Indígenas¹. Apaixonada que sou pelas nossas raízes ancestrais nativas, escolhi trazer uma pitada desse universo riquíssimo de cultura a esta publicação, que visa apresentar diversas relações sobre a economia criativa, uma indústria que estimula a geração de renda enquanto promove a diversidade cultural e o desenvolvimento humano.

Fiz uma composição a partir de fotografias minhas para apresentar as lindas pinturas corporais indígenas da etnia Mebêngôkre² (como se autoidentificam), conhecida como Kayapós³. Na imagem, as indígenas (menires, nome usado em sua língua materna para diferenciá-las das outras mulheres não indígenas, chamadas de kubenira) fazem pinturas corporais características de seu povo, que aprendem desde a infância.

1 A criação da data comemorativa em 1995 pela Organização das Nações Unidas pretende garantir condições de existência minimamente dignas aos povos indígenas de todo o planeta, principalmente no que se refere aos seus direitos à autodeterminação de suas condições de vida e cultura, bem como à garantia aos direitos humanos. No caso brasileiro, é um importante apoio aos cerca de 850 mil indígenas que habitam o território nacional, divididos em mais de 200 etnias, segundo o levantamento feito pelo Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizado em 2010. (SABERES INDÍGENAS, 2016).

2 *ók*, na língua Kayapó, significa pintura/grafismo. (TUCUM, 2016).

3 "São da região do rio Xingu, no sul do Pará e no norte do Mato Grosso. Em 2010 eram 8.638 em sua população (FUNASA, 2010; VILLAS-BOAS, 2012). No século XIX, os Kayapó estavam divididos em três grandes grupos, os Irã'ãmranh-re ('os que passeiam nas planícies'), os Goroti Kumrenhtx ('os homens do verdadeiro grande grupo') e os Porekry ('os homens dos pequenos bambus'). Destes, descendem os subgrupos Kayapó atuais: Gorotire, Kuben-Krân-Krên, Kôkramôrô, Kararaô, Mekrãgnoti, Metyktire e Xikrin. Apesar da etnia autodenominar Mebengokre, o termo Kayapó surgiu através de grupos vizinhos para nomeá-los, significando 'aqueles que se assemelham aos macacos'". (TUCUM, 2016).

Fotografei-as enquanto esperava a minha vez de ser pintada por essa indígena que aparece em primeiro plano em um evento que aconteceu no Parque Lage, no Rio de Janeiro (RJ), em 2015. Quando chegou a minha vez, fiquei surpresa ao perceber que a indígena não falava português⁴, assim como me espantei pelo mesmo fato quando estive em uma tribo na Amazônia em 2003. Diferente de apenas saber, ao experimentar que povos nativos brasileiros não falam o meu idioma e se comunicam em um dialeto que não é o meu, confesso que, mais do que me sentir uma outsider, percebo que sou uma estrangeira em meu país. Como não havia nenhum intérprete, deixei que ela escolhesse o local e me pintasse livremente.

A pintura (Figura 1), durou uma semana na minha pele e me causou um visível sentimento de força espiritual e grande orgulho pelos povos indígenas que representam o verdadeiro povo guardião desta terra e dessa riqueza de culturas que é o Brasil.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 1 – Pintura corporal indígena da etnia Mebêngôkre.

A partir das fotografias que uni em uma única composição digital, apliquei filtros para valorizar o grafismo, as cores e texturas contrastantes. Além dos belíssimos grafismos, fiquei encantada com as cores variadas que as indígenas apresentam, seja em seus rostos pintados de vermelho, seja nas roupas bastante coloridas, seja nos impactantes, graciosos e muito bem feitos adornos de cordas e miçangas, que os homens também usam. Um único adorno de miçanga pode durar uma semana para ser feito. As menires usam com orgulho tradicionais cabelos aparados em uma faixa central, arrancados fio por fio com as próprias mãos.

Na imagem pode-se observar que uma das mulheres usa uma varinha feita de tala de folha de palmeira de babaçu (FUNBIO, 2021) para obter esse traço fino e uma distância mínima entre as linhas, e a outra faz a pintura com o próprio dedo.

4 "A língua falada pelos Kayapó pertence à família lingüística Jê, do tronco Macro-Jê. Existem diferenças dialetais entre os vários grupos Kayapó decorrentes das cisões que originaram tais grupos, mas em todos eles a língua é uma característica de maior abrangência étnica, levando ao reconhecimento de que participam de uma cultura comum". (PAGANO, 2015)

As tintas são produzidas a partir de cascas de árvores e frutos de cores fortes, como o urucum e o jenipapo, e para outras tonalidades misturam carvão.

Os grafismos e as pinturas corporais característicos exercem um importante papel na preservação e na perpetuação desse conhecimento e da cultura indígena e possuem grande simbologia e significado, mostrando sua cultura, sua espiritualidade, seus ritos e mitos. Existem pinturas para o homem e para a mulher, para os idosos, para mulher solteira e para o primeiro filho, assim como pinturas que representam festas, preparação para a guerra, para as incursões pela floresta, pesca, rituais de passagem ou comemorações, sendo passados de geração em geração como uma forma de transmitir conhecimento dos anciãos aos mais novos, fortalecendo a identidade e as tradições de seu povo.

Sua criatividade para os desenhos está na natureza e na sua relação com a floresta amazônica, nos animais e nas pegadas e nos rastros que deixam no chão. Inspiram-se nos cascos de jabutis (como na pintura à direita) e tracajás⁵, no couro de cobra, na cabaça, nas cascas de árvores, nos peixes, nas aves, nos mamíferos e nas plantas, gerando infinitas possibilidades. Além do corpo, os desenhos são aplicados em telas, tecidos, bolsas, cestos, instrumentos, objetos rituais e outros itens produzidos utilizando os recursos disponíveis de forma sustentável que são comercializados e representam uma fonte de renda para todas as aldeias Kayapós.

Não apenas no conhecimento sobre a natureza, no respeito às tradições, na sua língua, no artesanato e nas artes visuais está a riqueza cultural dos indígenas brasileiros, mas também em seus cantos e suas músicas. Recentemente o DJ Alok, um dos ícones mais proeminentes do cenário musical eletrônico do Brasil — eleito o quinto melhor DJ do mundo pela revista britânica DJ Mag —, inspirado nas raízes indígenas, começou a produzir o seu primeiro álbum da carreira e uma minissérie documental (SPLASH, 2021) imerso no universo cultural de indígenas das etnias Yawanawá e Huni Kui do Acre (RODRIGUES, 2021), que participam do projeto. A renda gerada com o álbum será totalmente revertida para apoiar os povos indígenas que participam da experiência. Segundo ele, “É importante criar acesso à sabedoria da cultura indígena, e a música é um excelente canal. É importante corrigir erros históricos, possibilitar que novas gerações a valorizem”.

A construção de uma cultura está repleta de significados que devem ser compartilhados, identificando a um povo o seu pertencimento a uma comunidade para que surja sua identidade cultural. Isso só acontece com a compreensão das raízes culturais e de sua devida importância para mantê-las vivas, valorizando a diversidade e o enriquecimento histórico que advém dessa cultura. Chega de ataques, violências e invasões. Que possamos reconhecer, valorizar, proteger, amparar a nossa ancestralidade, os indígenas e a riqueza espiritual e cultural que eles carregam em si.

5 Popularmente chamado de tracajá na região amazônica, *Podocnemis unifilis* é uma espécie de cágado de carapaça e pele negra com manchas amarelas na cabeça (WIKIPEDIA, 2021).

REFERÊNCIAS

FUNBIO. Grafismos e pinturas marcam a identidade do povo Kyapó. **Tradição e futuro na Amazônia**, 2021. Disponível em: <https://www.funbio.org.br/grafismos-e-pinturas-corporais-marcam-a-identidade-do-povo-kayapo/>. Acesso em: 27 out. 2021.

PAGANO, L. Kayapó. **Povos Indígenas Brasileiros: Kayapós**, 2015. Disponível em: <https://indigenas-brasileiros.blogspot.com/2015/12/kayapo.html>. Acesso em: 27 out. 2021.

RODRIGUES, I. Indígenas do Acre participam de primeiro álbum autoral e série documental do DJ Alok. **G1 Acre**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/natureza/amazonia/noticia/2021/06/28/indigenas-do-acre-participam-de-primeiro-album-autoral-e-serie-documental-do-dj-alok.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2021.

SABERES INDÍGENAS. Direitos Humanos comemora dia internacional dos povos indígenas. **Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, 2016. Disponível em: <https://saberesindigenas.ufms.br/2016/08/09/direitos-humanos-comemora-dia-internacional-dos-povos-indigenas/>. Acesso em: 27 out. 2021.

SPLASH. Alok produz primeiro álbum autoral e série, imerso em raízes indígenas. **Música UOL**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/06/21/dj-alok-produz-primeiro-album-autoral-e-serie-imerso-em-raizes-indigenas.htm>. Acesso em: 27 out. 2021.

TUCUM. Pulseira de Miçanga | Kayapó. **TUCUM Marketplace das Artes Indígenas**, 2016. Disponível em: <https://www.tucumbrasil.com/produto/pulseira-de-micanga-kayapo-13129>. Acesso em: 27 out. 2021.

VILLAS-BOAS, A. (Org.). **De olho na bacia do Xingu**. Série Cartó Brasil Socioambiental. Vol. 5. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2012. Disponível em: <http://origensbrasil.org.br/media/atlas-de-olho-na-bacia-do-xingu-isa.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

WIKIPÉDIA. Podocnemis unifilis. **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Podocnemis_unifilis. Acesso em: 27 out. 2021.

Sobre a autora

Vera Alice Rebelo Vianna: Mestre em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Docente da Graduação em Design da Escola Superior de Propaganda e Marketing (Rio de Janeiro) e coordenadora do Núcleo de Design StudioD.

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento:** nenhuma.

